

A festa de homenagem a Levi Ribeiro

Organizada com a maior simplicidade — dir-se-ia, quase em família —, a festa de homenagem a Levi teve bastos motivos para que todos quantos, directa ou indirectamente, a ela estiveram ligados se sentissem satisfeitos.

Os objectivos que os seus promotores tinham em vista foram plenamente alcançados, e Levi pôde verificar quanto vale a amizade e a estima que os seus antigos companheiros lhe dedicam, bem como todos os antigos e actuais dirigentes e o público adepto do futebol, que não esqueceram o que Levi fez pelo Sport União Sintrense.

O programa do festival, elaborado para esta festa, foi cumprido e agradado plenamente.

A abrir o programa, defrontaram-se duas equipas femininas de futebol, a do Sintrense, que fazia a sua estreia perante o seu público, e a do Sporting Clube de Lourel, as quais, curiosamente, passam a ser pioneiras nestas competições oficiais, que pela primeira vez se realizam no nosso País, mercê da iniciativa da A. F. L.

As jovens de Lourel, mais traquejadas e com mais jogos realizados, acabaram por vencer com toda a justiça, alardeando um melhor conjunto e, consequentemente, mais conhecimentos sobre o jogo. As jovens do Sintrense, que se reuniram apenas quase em cima do começo do campeonato, socorreram, embora tivessem procurado minorar a sua inferioridade, lidando-se à luta com o maior entusiasmo e ardor, facto que muito valorizou o espectáculo.

O resultado final, de 1-0 a favor das do Sporting de Lourel, conferiu-lhes a posse da taça, que Levi entregou, no final, às jovens vencedoras, que a receberam com o maior júbilo.

Seguiu-se o jogo entre a «Velha Guarda» do Belenenses e a equipa que há dezoito anos conduziu o Sintrense à II divisão nacional.

Na formação dos sintrenses não actuaram Pardal, que se encontra ausente no estrangeiro, José Fernandes, por impossibilidade física, mas que esteve presente, e Pesseguero, que não actuando no jogo por motivo dos seus afazeres profissionais, veio, ao fim da tarde, de Coruche, para se associar aos seus antigos companheiros.

Deram ainda a sua colaboração João Pereira e Mário Nunes, dois nomes que foram grandes em equipas do Sintrense em épocas diferentes, mas que ainda acabaram por mostrar que o futebol não é difícil quando se nasce com ele.

Foi uma partida interessante, que mereceu a atenção do público, pois teve fases de excelente futebol, tanto por parte dos de Belém como dos de Sintra.

A formação sintrense, mais jovem no seu conjunto, curiosamente com dois jogadores que se mantêm ainda a jogar oficialmente — Vítor Marques e o guarda-dião Gomes —, acabou por triunfar folgadoamente, por 4-0.

Os visitantes, com excelentes executantes, como Angeja, Cravo, Abdul, Jorge e outros, opuseram-se sempre com o melhor espírito de luta, e responderam, sempre que as forças permitiram, com belas jogadas de futebol, o que motivou muitos aplausos, pois sem qualquer exagero as duas formações procuraram jogar o melhor que sabiam, e o público soube apreciar o recorte técnico e o grande sentido de futebol colectivo que ambas exibiram durante o jogo.

fluência nos êxitos da sua equipa, sobretudo na excelente turma que deu ao Sintrense o título de campeão da I divisão da A. F. L. na época de 1954/55; um campeonato que tinha grandes equipas e objectivos diferentes dos de agora, ou seja a almejada II divisão nacional, e que só mais tarde — decorridos mais de nove anos — foi alcançado por estes briosos rapazes, que resolveram, desta feita, reunir-se, e em boa hora o fizeram, para homenagear o seu querido colega, Levi, a quem um acidente grave provocou as maiores preocupações, mas que ele, com o seu ânimo e espírito forte, tem sabido vencer. Barros e Calado, os dois eternos inconformados com a idade e que se sentem ainda cheios de «peneiras» para fazer uma peninha; eles que, conjuntamente com todos os seus colegas, tanto trabalharam para o êxito desta festa.

A noite, como remate desta bela festa desportiva, cerca de cem conyivas, mais precisamente 99 sintrenses, reuniram-se num jantar, num dos magníficos salões do Hotel Tivoli-Sintra, tendo a presidido o sr. brigadeiro Machado de Sousa, vereador dos Serviços Culturais da C. M. de Sintra.

Na mesa de honra estava Levi, acompanhado por sua esposa e filho, João Carreira, António José Pereira Forjaz, tenente-coronel Hipólito de Fonseca e dr. Guedes Vaz, quatro dirigentes cuja passagem pelos destinos do Sintrense marcou uma época. Indistintamente, sentaram-se antigos e actuais dirigentes, sócios e muitas senhoras.

O jantar constituiu uma extraordinária manifestação de confraternização entre a família sintrense, que pode mostrar ali quanto de bom é manter o espírito de união e de amizade para além das vicissitudes da vida.

António José Pereira Forjaz, o presidente da grande jornada que catapultou, juntamente com João Carreira, a equipa para a II divi-

são nacional, num feliz improviso e com o brilho e a verdade que sempre impregna as suas palavras, historiou as principais fases daquele brilhante período da vida do Sintrense, citando factos e nomes, sobretudo daqueles a quem hoje só a saudade permite recordar, como José Pomhal, um dirigente cujo dinamismo não tinha limites, João Pereira da Costa, um eficiente secretário, Ludgero Tavares de Carvalho, que esteve tantos anos representando o Sintrense junto da A. F. L., António Rainha, o tesoureiro da sua equipa directiva, e os que hoje, embora fora das lides directivas, se mantêm fiéis ao Sintrense, como António Pedro Júnior, António Félix, Soares Artilhiero e outros nomes que citou, mas que de momento não nos recordamos, foram nomes que Pereira Forjaz fez questão de lembrar pelo muito que deram de si próprios à causa do Sintrense. Atentamente escutado e interrompido com fortes e prolongados aplausos, lembrando aspectos inéditos e outros conhecidos mas um tanto esquecidos pelo tempo, teve para Levi e para todos os seus colegas de equipa uma palavra de agradecimento e de estima pessoal, louvando a sua bela iniciativa.

O tenente-coronel Hipólito de Fonseca dirigiu breves palavras de saudação a Levi, pondo em destaque a sua forte personalidade de homem e de desportista, seguindo-se-lhe Manuel Barros, em nome da equipa, que — emocionado — disse bem da satisfação que ele e todos os seus companheiros sentiam naquele momento, por verem coroados os seus esforços ao darem a Levi a certeza de que ele jamais estará só, pois a prova ali estava, ao ver-se rodeado da maior e mais viva simpatia e amizade. Entretanto, Levi foi recebendo várias prendas, entre elas uma de grande valor, que os seus colegas lhe ofereceram e que não revelamos para conservarmos o sigilo, calou fundo no coração de Levi e dos seus familiares.

Encerrou a sessão o brigadeiro Machado de Sousa, manifestando a sua satisfação pelo que lhe era dado observar perante um tão numeroso grupo de amigos, unidos por um sentimento comum, o de se aliarem para fazer uma festa de tão alto significado. Manifestou ainda a sua surpresa por ver uma família tão unida e tão forte nos seus propósitos, dizendo que faria tudo quanto estivesse ao seu alcance em prol do Sintrense, clube que passou a conhecer melhor após ter-lhe sido dada a possibilidade de assistir a este jantar de convívio.

E assim terminou esta linda festa, que Levi certamente não esquecerá, sobretudo pelo grande significado que dela extraiu.

Levi, rapaz culto, inteligente, apesar do infortúnio que o acometeu, tem sempre sabido reagir à adversidade, e esta festa, feita com um cariz absolutamente accidental, mais em jeito de convívio e confraternização, teve o mérito de demonstrar que nem tudo na vida é mau. Seu filho, um jovem que teve a felicidade de acompanhar o seu querido pai em todos os actos desta festa, certamente que terá visto que a amizade sincera e franca é um bem que não há nada que pague. Ele viu e sentiu por certo quanto todos admiram e estimam o seu pai, e este gesto, só por si, será suficientemente claro para o marcar e orientar pela vida fora, na senda do bem e do respeito pelo seu semelhante.

23/4/82
J. Silva